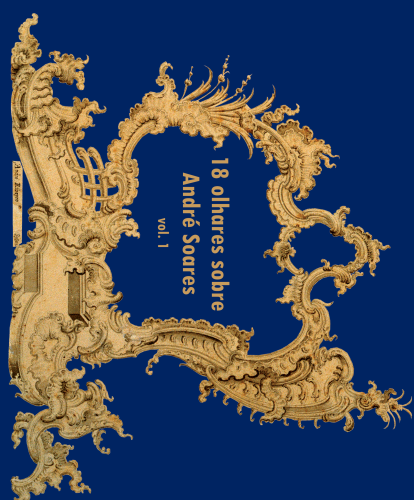


18 olhares sobre André Soares

vol. 1



Eduardo Pires de Oliveira
(coordenação)

18 olhares sobre André Soares
Vol. 1

Braga, 2019

A pedra na Obra de André Soares

(Palácio do Raio; Capela de Santa Maria Madalena da Falperra; Casa da Câmara de Braga)

Jorge Pamplona

1. Introdução

A selecção das obras de André Soares usadas neste capítulo teve em consideração a importância destes edifícios, tanto na obra do arquitecto, como no panorama do rococó português: a) “(...) a fachada da capela de Santa Maria Madalena e as fachadas da Casa do Raio, duas das três obras de arquitectura mais importantes de André Soares” (Oliveira, 2011); b) “A nova fachada da capela de Santa Maria Madalena da Falperra é uma das obras mais emblemáticas do rococó português” (Oliveira, 2011). Entendemos que a terceira obra de André Soares a seleccionar, deveria ser a Casa da Câmara, visto existir um contínuo temporal entre o “risco” desta e das outras duas obras (Tabela 1) e, ainda, de que a cronologia de concepção destas obras “é fundamental pois não só nos permite conhecer com pormenor a evolução da arte de André Soares e do rococó bracarense mas, também, ver que no capítulo decorativo não há razão para estabelecer diferenças entre arquitectura civil e arquitectura religiosa” (Oliveira, 2011).

Neste capítulo, propomo-nos verificar se nas obras de André Soares seleccionadas há preferência por um determinado tipo de rocha e, também, se diferentes rochas (variedades de granito) são usadas para distintas partes arquitectónicas dos edifícios. Ainda se procurará identificar, por serem escassas as informações, o local de onde potencialmente poderiam ter sido extraídas as rochas utilizadas nestas edificações.

Edifício	Data de concepção	Data de conclusão
Palácio do Raio	Novembro/Dezembro 1752	1755
Capela Sta Maria Madalena	Janeiro 1753	Junho 1755
Casa da Câmara	Março 1753	1756* 1863**

*Nesta fase foi apenas levantada a zona central e a parte voltada a Sul, ficando a faltar o terço do lado Norte.

** Conclusão do terço do lado Norte.

Tabela 1. Datas da construção dos edifícios do Palácio do Raio, Capela de Santa Maria Madalena da Falperra e Casa da Câmara (Oliveira, 2011).

2. As obras e a pedra utilizada

2.1. Palácio do Raio

Todos os elementos escultóricos de maior detalhe artístico (lintéis de portas, varandas e janelas) da fachada do Palácio do Raio utilizam granitos de grão fino ou médio com tendência porfiróide (granito de Braga – sectores da pedreira sem ou praticamente sem megacristais), ligeiramente meteorizado – a cromatização amarelada da pedra resulta da presença de óxidos de ferro finamente disseminados. Neste sentido, observe-se os elementos ornamentais da entrada principal (Figura 1a, b) e os lintéis das janelas e das portas laterais (Figura 1c, d).

Nas bases e umbrais das janelas e das portas laterais da fachada (Figura 1c, d) a pedra utilizada é maioritariamente também de Granito de Braga, todavia sem preocupação quanto à maior ou menor presença de megacristais de feldspato potássico, à granularidade e à homogeneidade da cor do granito. Este mesmo granito é, por norma, utilizado nas restantes partes do Palácio, nomeadamente no seu interior, tendo como exemplo o da escada principal, embora este de granularidade mais fina e muito pouco meteorizado ou mesmo são.

Por último, e de salientar que a balaustrada do topo da fachada foi feita com granito de grão fino a médio, de tendência porfiróide, idêntico ao que se vê na obra na restante fachada, todavia sem indícios macroscópicos de meteorização.

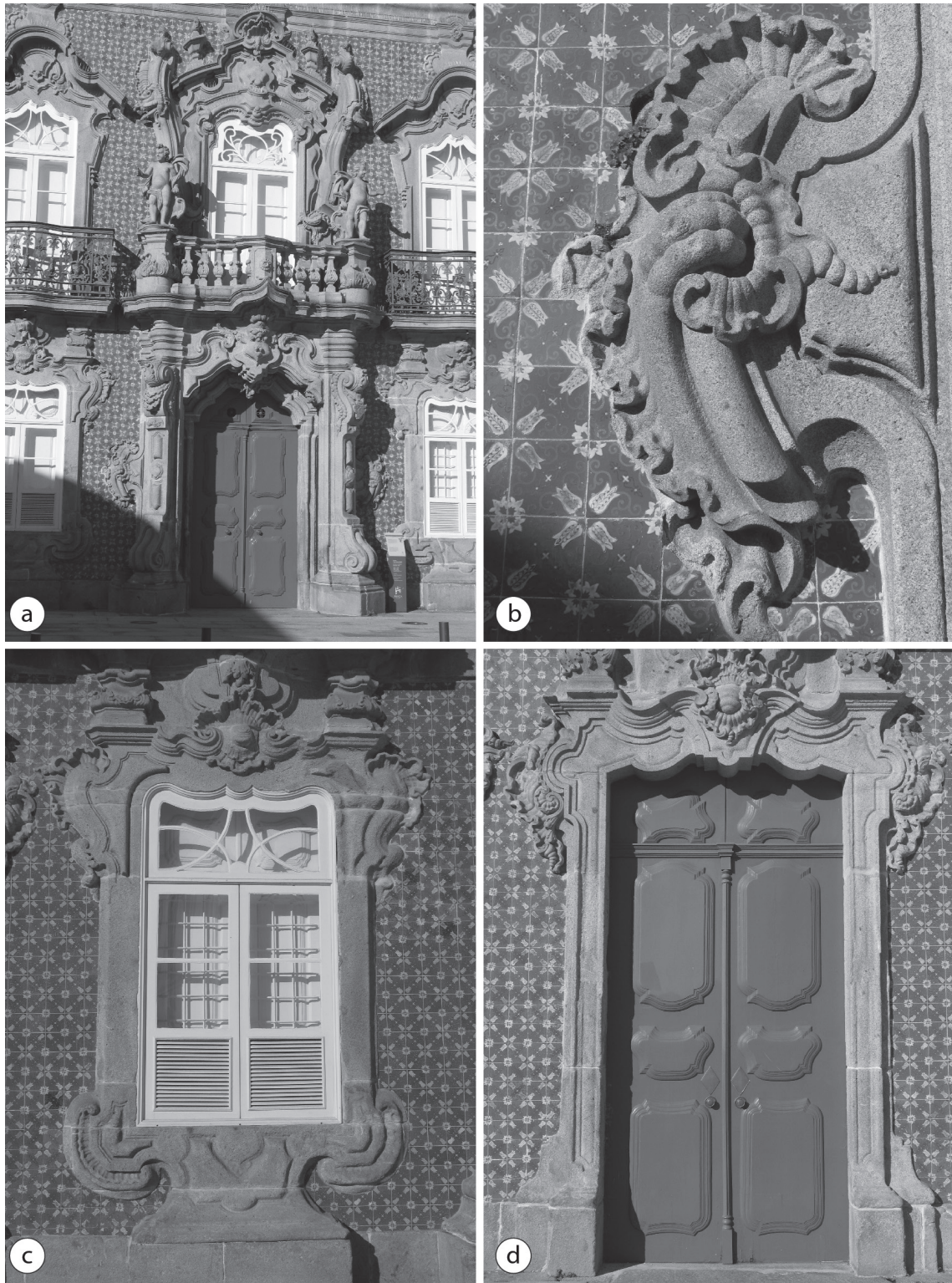


Figura 1. Elementos arquitectónicos e decorativos do Palácio do Raio: a) porta (piso térreo) e janela (piso superior) principais da fachada; b) ornato lateral da porta principal; c) janela da fachada (piso térreo); d) porta lateral da fachada (piso térreo).

2. 2. Capela de Santa Maria Madalena da Falperra

Segundo (Oliveira, 2011) “a planta da actual capela de Santa Maria Madalena da Falperra resulta da campanha de obras iniciada nos finais do século XVII e terminada em 1737”. O risco da fachada (Janeiro de 1753) que hoje observamos, é da mão de André Soares, tendo esta fachada sido concluída em Junho de 1755 (Tabela 1).

Os elementos arquitectónicos e decorativos do sector mais nobre da capela, isto é, a fachada riscada por André Soares, foram executados em Granito de Braga ligeiramente meteorizado (Figura 2a, b). A pedra desta fachada, por se encontrar exposta a Norte e, por isso, com menor insolação, apresenta-se com bastante colonização biológica (essencialmente líquenes).

A pedra usada na construção da capela, no que respeita às paredes laterais e à cabeceira, foi o Granito de Celeirós (Figura 2c).

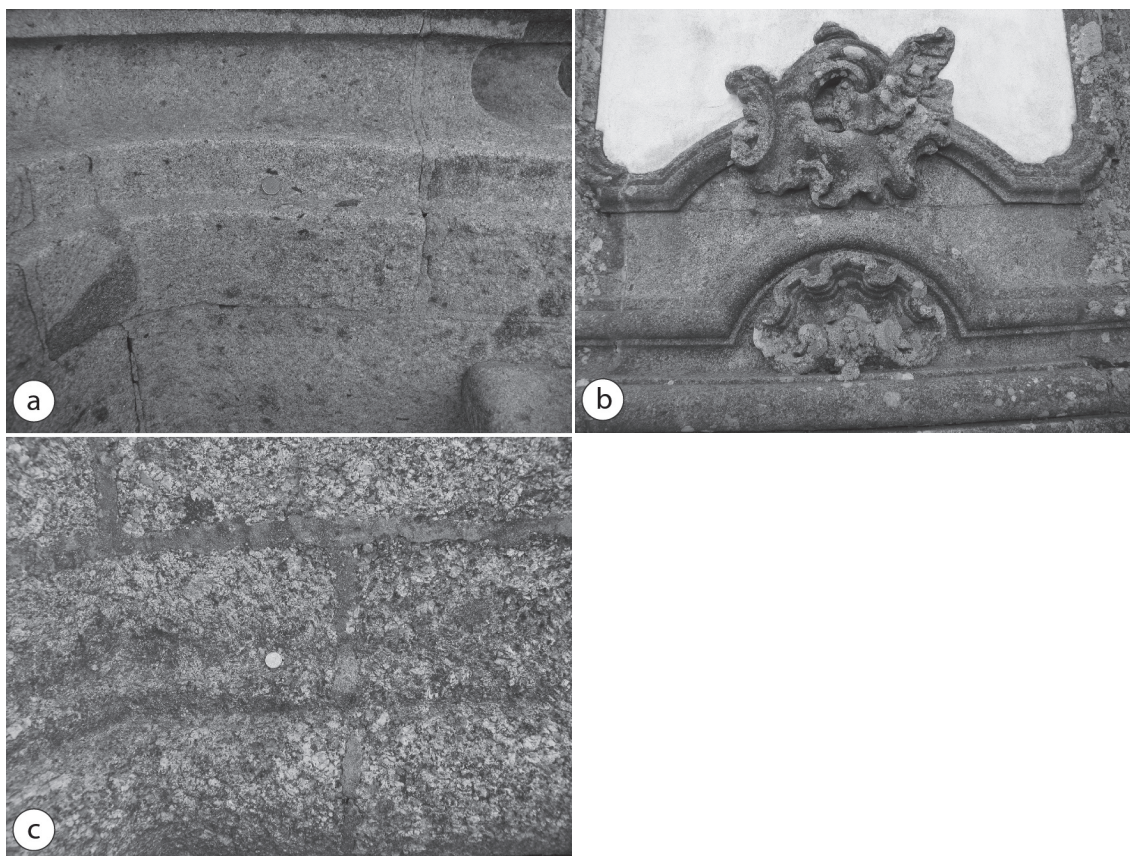


Figura 2. A pedra utilizada na Capela de Santa Maria Madalena. a) base do umbral da porta principal da fachada (Granito de Braga); b) elemento decorativo da fachada (Granito de Braga); c) base da pilastra representativa da estrutura lateral e da cabeceira (Granito de Celeirós).

2. 3. Casa da Câmara

A zona central e a parte voltada a Sul da Casa da Câmara foram concluídas em 1756, enquanto que a parte Norte, por falta de verba, só foi terminada em 1863 (Tabela 1)¹. O Granito de Braga ligeiramente meteorizado (cor amarelada) utilizado nas molduras e lintéis do piso superior é, na generalidade, idêntico nos dois períodos de construção. A mesma pedra é dominante nos elementos arquitectónicos decorativos que constituem a zona central do edifício (Figura 3a), excepção feita à base de Granito de Braga, de cor cinzenta por se encontrar “são”, que se observa no nicho do andar superior e que serve de suporte à “Virgem” (Figura 3b); a imagem foi para aqui trazida em meados da década de 1940, sendo então colocada a base. As quatro pilstras que constituem a fachada de todo edifício também são de Granito de Braga, sendo este ainda dominante nas molduras das janelas do piso térreo do edifício de 1756 (Figura 3c), constituindo este o principal factor distintivo entre os dois períodos de construção, pois as janelas do piso térreo do edifício de 1863 têm, na totalidade ou em grande parte, as molduras em Granito do Sameiro (Figura 3d).



Figura 3. Elementos arquitectónicos e decorativos da fachada da Casa da Câmara: a) zona central (1756); b) nicho com a “Virgem” – zona central (1756), andar superior; c) janela da fachada (piso térreo) – zona central (1756); d) janela da fachada (piso térreo) – zona Norte (1863).

1 O edifício da Câmara Municipal não foi construído na sua totalidade nos anos de 1754-1756 porque não houve dinheiro para o acabar, o que só aconteceria um século mais tarde. Veja-se OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *A Casa da Câmara de Braga. As obras do século XIX*. In: *Estudos sobre o século XIX-XX em Braga*. Braga: APPACDM Distrital de Braga, 1995, p. 55-101.

2. 4. A escolha da pedra

De um modo geral, nos edifícios “riscados” por André Soares, aqui analisados, os elementos escultóricos de maior detalhe artístico utilizaram um granito de grão fino ou médio de tendência porfiróide – Granito de Braga –, ligeiramente meteorizado, mas de sectores da pedreira aonde a granularidade fosse mais fina e os megacristais estivessem quase ou mesmo ausentes. A utilização de granito com estas características seria a solução indicada, dada a minúcia do trabalho escultórico pretendido. A pedra utilizada nas partes menos nobres dos edifícios é, regularmente, de afloramentos da rocha mais abundante da cidade – o Granito de Braga, não havendo grande cuidado com o maior ou menor estado de alteração do granito da pedreira ou de aspectos associados à granularidade da rocha -, assim como, de afloramentos próximos do local de edificação.

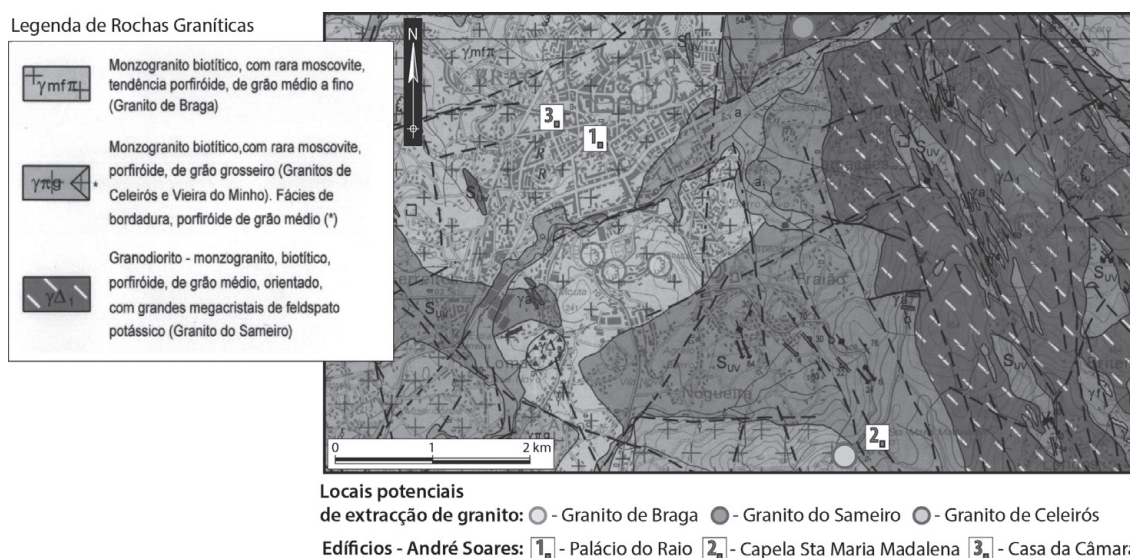


Figura 4. Localização dos potenciais locais de extracção da pedra e de alguns dos edifícios riscados por André Soares (sobre extracto da Carta Geológica de Portugal de Braga-5D, a escala 1/50 000; NB. As litologias não identificadas na legenda da carta geológica dizem respeito a rochas metamórficas e a depósitos aluvionares).

3. Origem da pedra utilizada

A inspecção visual realizada aos edifícios permitiu identificar a principal rocha utilizada na construção dos edifícios riscados por André Soares como sendo, predominantemente, do granito designado por Granito de Braga e, muito esporadicamente, do Granito do Sameiro (Figura 4). Apesar de ser anterior à facha-

da concebida por André Soares, e de modo a que faça uma leitura integral do monumento, identificou-se a origem da pedra (Granito de Celeirós) dos paredes laterais e da cabeceira da Capela de Santa Maria Madalena (Figura 4).

A documentação existente não indica a origem das pedras (Granito de Braga) que serviram para as obras em questão, havendo, no entanto, indícios de que as pedreiras que alimentaram estas obras poderiam estar localizadas em Monte Castro, Couteiro ou Guadalupe. Esta informação é compatível com os afloramentos que aí ocorrem, bem como, com a identificação, na Carta Geológica², destes mesmos locais como sendo/ou tendo sido pedreiras de extracção desta rocha.

A existência de uma Coutada dos Arcebispos da qual se extraía pedra³, numa zona que incluía a pedreira denominada de “Couteiro”, actualmente abandonada e urbanizada, parece ser um bom indicador para a localização da fonte principal da pedra, granito de Braga, utilizada maioritariamente neste conjunto de monumentos.

Outra fonte de pedra credível será a localizada em Guadalupe, principalmente pela proximidade e facilidade do trajecto para o seu transporte. Um mapa do século XIX⁴ mostra que na vertente sul desta elevação existe um local que serviu de pedreira para diversas obras da cidade. A dúvida coloca-se se esta foi somente utilizada para a extracção da pedra para os templos de Guadalupe e do Hospital⁵ ou se, também, teria sido utilizada noutros edifícios, tais como o Palácio do Raio e a Casa da Câmara.

As pedras do Granito de Celeirós que constituem a totalidade da pedra das laterais e da parte posterior da Capela de Santa Maria Madalena poderão ser originárias dos afloramentos que se encontram a Oeste desta igreja, dada a sua proximidade e, por isso, a facilidade de transporte. Aliás, estes afloramentos, apresentam marcas de exploração. É de notar, que não é possível determinar a época em que esta extracção de pedra foi realizada.

2 FERREIRA, Narciso; et alli – *Notícia explicativa da folha 5-D. Braga. Carta geológica de Portugal à escala 1/50000*. Lisboa, Instituto Geológico e Mineiro, Departamento de Geologia. 2000.

3 No dia 2 de Outubro de 1746 o arcebispo D. José de Bragança emitiu um *Registo de provisao porque Vossa Alteza Serenissima concede licença ao suplicante para tirar cem carros de pedra da coutada de Vossa Alteza. Nela, José Barbosa, lavrador, morador na ponte pedrinha, freguezia de Lomar...* [pediu autorização para cortar pedra] *da pedreira chamada Pedreiras Alvas... para tapar a beira de uma estrada ...* (ADB. Registo Geral, vol. 145, fls. 199v-200v).

4 Câmara Municipal de Braga (sector de obras). GOULLARD, Francisco – *Planta topographica da cidade de Braga, 1883-1884* (carta nº 10).

5 ADB. Ms 341. *Livro curioso*, fls. 656-658.

O Granito do Sameiro será proveniente dos afloramentos desta rocha que ocorrem a Este de Braga. Adiantamos a possibilidade deste granito poder ter sido extraído na freguesia de Gualtar, visto o local ficar próximo de Braga, na estrada que ligava esta cidade a Chaves, por ser a curta distância e, ainda, corresponder a um percurso bastante plano.

ÍNDICE

<i>Abertura</i> – Teresa Andresen	5
<i>Primeiras Palavras</i> – Eduardo Pires de Oliveira	9
<i>Saber ver André Soares à luz dos novos rumos da História de Arte portuguesa</i> – Vítor Serrão	13
<i>André Soares, una lección de modernidade para nuestro presente líquido</i> – Julio Seoane Pinilla	27
<i>Risco e arquitectura</i> – Domingos Tavares	47
<i>Ornatos em André Soares: criação, transfiguração e transgressão</i> – Eduardo Pires de Oliveira	91
<i>A urbivisão de Braga atribuída a André Soares: o Mappa da Cidade de Braga Primas</i> – Miguel Bandeira; Luís Moreira	109
<i>A pedra na Obra de André Soares</i> – Jorge Pamplona	139
<i>André Soares e a Liturgia do Barroco</i> - Joaquim Félix	147
<i>A Cor e os Pintores das obras de talha de André Soares</i> - Agnes le Gac	189
<i>André Soares e dois painéis de azulejos rokoko no antigo Paço Arquiepiscopal de Braga</i> – Diana Santos	233